



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**MORGANA DOS SANTOS MOURA**

**DE MULHER ANJO À ADÚLTERA: UMA LEITURA DA  
PERSONAGEM PROTAGONISTA DO CONTO “NO MOINHO”, DE  
EÇA DE QUEIROZ**

**MONTEIRO-PB**

**2016**

MORGANA DOS SANTOS MOURA

**DE MULHER ANJO À ADÚLTERA: UMA LEITURA DA  
PERSONAGEM PROTAGONISTA DO CONTO “NO MOINHO”, DE  
EÇA DE QUEIROZ**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aldinida de Medeiros Souza.

**MONTEIRO-PB  
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano de dissertação.

M929m Moura, Morgana dos Santos.

De mulher anjo à adúltera [manuscrito] : uma leitura da personagem protagonista do conto "No moinho", de Eça de Queiroz / Morgana dos Santos Moura. - 2016.

48 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS PORTUGUÊS) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Aldinida de Medeiros Souza, Departamento de Letras".

1. Personagem feminina na literatura. 2. No moinho (Conto). 3. Mulher no século XIX. 4. Eça de Queiroz. 5. Mulher e Literatura. I. Título.

21 ed. CDD 801.050

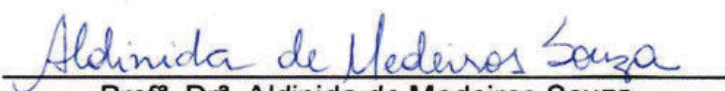
MORGANA DOS SANTOS MOURA

**DE MULHER ANJO À ADÚLTERA: UMA LEITURA DA  
PERSONAGEM PROTAGONISTA DO CONTO “NO MOINHO”, DE  
EÇA DE QUEIROZ**

Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba, para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa, sob orientação da Profª. Drª. Aldinida de Medeiros Souza.

Apresentada em 07 de novembro de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**



Profª. Drª. Aldinida de Medeiros Souza  
Orientadora – UEPB



Profª. Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza  
Examinador – UEPB



Profª. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira  
Examinador – UEPB

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria José dos Santos Moura, pelos esforços e incentivos para eu continuar estudando. Ao meu pai, Marinaldo Braz de Moura, (*in memoriam*), que mesmo não tendo acompanhado o meu percurso acadêmico, acredito que estaria contente ao me ver finalizar esta licenciatura em Letras. Também a minha avó materna que, quando em vida, apoiava-me imensamente.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por suas bênçãos, por me fazer acreditar nas horas mais difíceis que com Ele tudo posso.

Especialmente à minha família: mãe, irmãos e demais entes queridos, por acreditarem e me apoiarem nas horas difíceis.

À minha professora e orientadora, Aldinida de Medeiros Souza que me acolheu e ajudou para a realização deste trabalho. Pela orientação, estímulo e paciência! Obrigada professora, por me fazer enxergar a Literatura de forma positiva e prazerosa!

Aos que se fizeram presentes em minha vida durante o período em que estava estudando, e de alguma forma contribuíram para que eu chegasse ao final do curso. Obrigada por fazerem parte de uma construção coletiva em minha história.

Aos que me incentivaram e sempre acreditaram em mim, pois houve dias em que pensei em desistir, porém os que estavam ali, não deixaram. Agradeço pelas palavras de força e amizade dessas pessoas (minha turma de curso que nunca irei esquecer!).

Quero desde já agradecer a todos os professores que fizeram parte da minha vida na universidade e a todos que fazem o campus VI. E, finalmente, aos professores examinadores, pela leitura e contribuições com meu texto, e por aceitarem este convite que tanto me honra.

*Daí podemos dizer que, na sociedade burguesa em geral, as mulheres têm a algo a esconder do convívio mundano [...]*

*Francisco Dantas*

## RESUMO

O presente trabalho é uma leitura sobre Maria da Piedade, protagonista feminina no conto “No moinho” (2004), uma narrativa ficcional escrita por Eça de Queiroz. Nosso principal objetivo é analisar a trajetória desta personagem, a partir de textos teóricos sobre esta categoria da narrativa, relacionando-os, sempre que possível, às condições sociais da mulher no século XIX. Isto quer dizer que buscamos convergir nossa leitura dos aspectos narratológicos para a questão social feminina do período representado no conto. Para isso, valemo-nos dos estudos teóricos destas duas áreas, trazendo como principais ensaios utilizados os de Vítor Manuel de Aguiar e Silva (2006), Cristina Vieira (2008) e Beth Brait (1985), sobre a categoria personagem; Francisco Dantas (1999), sobre a mulher na obra de Eça de Queiroz; Nádya Gotlib (2006) no que diz respeito à teoria literária sobre conto; e Massaud Moisés (1985) no que diz respeito a estética realista e sua época em Portugal.

**Palavras-chave:** Personagem feminina. “No moinho”. Condição da mulher. Eça de Queiroz.



## RESUMEN

El presente trabajo es una lectura sobre la personaje Maria da Piedade, protagonista femenina en el cuento "No moinho" (2004), una narrativa ficcional escrita por Eça de Queiroz. Nuestro principal objetivo es analizar la trayectoria de la personaje protagonista, Maria da Piedade por medio de textos teóricos sobre la construcción de la personaje en la narrativa, relacionando siempre que posible, las condiciones social de la mujer en siglo XIX. Esto quiere decir que buscamos converger nuestra lectura de los aspectos narratological para la cuestión social femenina representada en el cuento. Para esto, hacemos uso de los estudios teóricos, de estas dos áreas, como traer pruebas pricipais utilizo el Vítor Manuel de Aguiar y Silva (2006); Cristina Vieira (2008) y Beth Brait (1985); en la categoria de personaje; Francisco Dantas (1999) sobre la mujer en la obra de Eça de Queiroz; Nádía Gotlib (2006) en lo que dice respecto a teoría literaria sobre los cuentos; y Massaud Moisés (1985), en cuanto a la estética realista y su época em Portugal.

**Palabras-clave:** Personaje femenina. "No moinho". Condición de la mujer. Eça de Queiroz.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
<b>CAPÍTULO I – A CONDIÇÃO FEMININA PARA SOCIEDADE E SUA REPRESENTAÇÃO NA FICÇÃO QUEIROZIANA.....</b>	<b>13</b>
1.1 A mulher no século XIX.....	14
1.2 Algumas considerações sobre a mulher na ficção queiroziana.....	19
<b>CAPÍTULO II – MARIA DA PIEDADE: PROTAGONISTA DO CONTO “NO MOINHO”.....</b>	<b>23</b>
2.1 Aspectos sobre a elaboração da personagem.....	24
2.1.1 personagem.....	24
2.1.2 protagonista.....	31
2.2 Maria da Piedade: as mudanças da protagonista de “No Moinho”.....	37
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
REFERÊNCIAS.....	47

## INTRODUÇÃO

O trabalho aqui desenvolvido apresenta uma leitura do conto *No moinho*, de Eça de Queiroz, publicado em 2004<sup>1</sup>, com o objetivo de analisar a trajetória da personagem protagonista, Maria da Piedade. Para isso, utilizar meios como pesquisa, baseadas em teóricos do assunto em questão, estudar e observar outras obras do crítico realista, além de outros escritores que tratam do processo de construção da personagem em uma narrativa é de suma importância.

Para desenvolver nosso estudo, utilizamos como base, principalmente, a pesquisa de Francisco Dantas (1999), a respeito da personagem feminina nos romances queirozianos. Antes de prosseguirmos, interessa explicar que, mesmo sendo um estudo voltado para personagens de romances é possível utilizá-lo para o conto por se tratar de uma protagonista que não foge às características de personagens de alguns romances do escritor português, em denunciar a sociedade portuguesa do século XIX, na sua imoralidade. Semelhante a isto, utilizamos também o estudo de Cristina Vieira (2008) *A Construção da Personagem Romanesca*<sup>2</sup>, que trata de um modo mais amplo a personagem no romance, uma vez que esse estudo aborda personagens de diversos romances.

No que diz respeito à teoria literária sobre o conto, na visão de Gotlib (2006), podemos dizer que tal gênero em linhas gerais conta fatos possivelmente já acontecidos, em que a verdade e a ficção caminham em paralelo com a finalidade de narrar uma história não tão longa, que por sinal será resultado da capacidade escritor. Ao conto, bem como toda obra literária é atribuído um trabalho consciente em função da intenção do autor para obter-se um efeito homogêneo.

“No moinho” (2004) faz parte de uma coleção de contos que trata de assuntos relacionados à sociedade vigente, analisada pela ótica e vertente literária de um escritor da corrente realista, como Eça de Queiroz, importante crítico da sociedade portuguesa. Aos romances literários realistas deste e outros escritores, seus contemporâneos, coube a tarefa, já traçada pelos líderes das Conferências do Cassino Lisbonense, de demonstrar os fatos ocorridos na realidade, a fim de

---

<sup>1</sup> Este é o ano da edição utilizada, pois o ano de publicação do conto foi 1880.

<sup>2</sup> Embora se trate de um estudo voltado para o romance, é possível, em algumas situações, aplicar os processos de construção à personagens de um conto, conforme pudemos observar neste trabalho, principalmente por considerarmos esta personagem como um espelho da protagonista Luísa, do romance *O primo Basílio* (1997, ano da obra utilizada).

destacar uma tese da vida contemporânea das famílias burguesas. No conto, ligados à Maria da Piedade estão também seu Marido João Coutinho e o primo dele, Adrião. João Coutinho, bem mais velho do que sua esposa, tornou-se um senhor rico com a morte do pai. Desde novo fora enfermo, entrevado, porém casou-se com uma mulher bem mais nova do que ele e bela. A beleza sempre enfatizada como um dos artifícios à relação de marido e esposa. Admirava a muitos que por perto de sua casa, ao avistá-la: “Aquele lindo rosto de Virgem Maria, aquela figura de fada fosse pertencer a João Coutinho.” (QUEIROZ, 2004, p. 42). Casam e mantêm uma família na qual predominava as enfermidades. Diante disso, a personagem cuida e se comove com a situação que jamais poderia ser interferida no lar de um agir monótono.

Desse modo, a literatura, para muitos escritores, valeria como espaço para se contar o que, de certa forma, via-se no dia a dia da sociedade portuguesa. Nesse caso, as mulheres eram apresentadas nos possíveis atos amorais, ou seja, de descumprimento ou quebra de uma tradição religiosa no matrimônio, a fim de desencadear temas de alcance público. Visto ser os costumes da sociedade lusa, alvo de críticas e mantendo a literatura como veículo de informação e retrato daquilo que se via no dia a dia de algumas pessoas em Portugal. Com isso, ao observar que, no decorrer do conto, o comportamento de Maria da Piedade muda, faz-se necessário saber o por quê, será a personagem vítima das circunstâncias?

Uma das questões mostradas pelos escritores do Realismo é a religião. A Igreja causava danos ao progresso da sociedade com seus dogmas e visões de que tudo era pecado. De acordo com os preceitos religiosos, a esposa deveria cumprir sempre com o que manda a tradição: respeitar o marido, a casa, os filhos, enfim, seguir os princípios e sua cultura. Portanto, em relação à representação de Maria da Piedade e a sua vida diária demonstrada no conto, dizemos que a personagem reflete a rotina de algumas mulheres do século XIX, a exemplo da classe abastada de Portugal.

Neste sentido, podemos considerar que a arte expressa o que se passa na sociedade de maneira reflexiva e representativa. Os temas presentes nos enredos dos romances eram sempre de valor impactante socialmente, pois não tratavam de feitos heroicos, como no Romantismo, mas mantinham relação com o que acontecia na sociedade, como descrições dos indivíduos e suas condições sociais. No período da difusão da estética realista, em Portugal, um grupo de intelectuais estudantes de

Coimbra: Antero de Quental, Teófilo Braga, Eça de Queiroz e outros, problematizavam questões sociais típicas daquele período.

Escreviam obras literárias que, de alguma forma, questionasse os fatos e o modo de pensar das pessoas. Tal geração estudantil, seguindo em paralelo com várias Revoluções e acontecimentos no mundo europeu, a exemplo da comuna de Paris, objetivava contribuir para melhorar o mundo através da arte e das teorias científicas elaboradas pelos intelectuais da época. Neste sentido, o público literário foi enxergando as transformações políticas e sociais começaram a se posicionar, aos poucos, de uma maneira que pudessem olhar de forma crítica. Assim, as obras do Realismo diferenciaram-se da do Romantismo por acreditar na ciência para observar e mostrar o que de fato acontecia no espaço físico social.

De tal modo, a sociedade portuguesa passava por contradições econômicas, políticas e morais que, segundo Dantas (1999), atingia o povo na sua forma de viver. Para este crítico, a queda na economia interna e o atraso que Portugal vivia em relação a outros países da Europa, fizeram ou incentivaram as famosas Conferências do Casino Lisboense. Isto quer dizer que foram realizados movimentos e conferências pelos escritores em favor da adesão de Portugal as transformações políticas e sociais porque passava a Europa nesse período, introduzir ideias novas para a sociedade portuguesa seria o objetivo. As frequentes reuniões avaliariam como isto seria feito.

Com o advento do Realismo, Eça de Queiroz escreveu, em Portugal, sobre temas que até então pareciam proibidos, mas que se tornaram presentes e constantes nesse movimento literário, assim como também aconteceu com Gustave Flaubert, na França passa a acontecer uma presença constante do chamado romance de tese na literatura, isto é, escritos baseados nos fatores ocorridos no meio social, a exemplo da condição da mulher. E que, certamente, permeiam até os dias de hoje como fonte de pesquisa para trabalhos bibliográficos como esse.

É importante ressaltar que a mulher do século XIX era ainda muito limitada pelo poder do patriarcalismo e de uma sociedade machista que tornava os homens soberanos e, conseqüentemente, eram desiguais os direitos entre masculino e feminino no meio social. Todos os direitos eram dados ao homem. Eça de Queiroz foi um escritor “Romancista, contista, crítico de costumes, polemista, cronista, crítico literário, epistológrafo”. (SIMÕES, 2005, p. 21)

Dessa maneira, estruturamos nosso texto da seguinte forma: no capítulo I, tratamos de condição feminina para a sociedade e sua representação na ficção queiroziana. No capítulo II, em que nos voltamos mais especificamente para a análise do conto, nos detemos à trajetória da personagem e de ações ligadas à protagonista, intitulado como Maria da Piedade: protagonista do conto “No moinho”. Sendo assim, daremos início ao nosso trabalho embasado teoricamente com os propósitos de atender nossas expectativas e a de quem o ler.

## **CAPÍTULO I**

# **A CONDIÇÃO FEMININA E SUA REPRESENTAÇÃO NA FICÇÃO QUEIROZIANA**

## 1.1 A mulher no século XIX

No início do século XIX as mulheres ainda mantinham-se privadas de muitos dos direitos que foram conquistados ao longo da luta do movimento feminista: o de votar, o de transitar sozinha de um país a outro, etc. O direito da mulher estava limitado às tarefas domésticas e de mãe, principalmente, a da burguesia, branca e que não precisava trabalhar para ganhar o próprio sustento. Exceções a isso existiam, mas eram poucas.

Dedicadas aos afazeres domésticos e a administração da casa, estariam excluídas de opinar sobre política, trabalhos, economia. Pois, a mulher que se guardava aos cuidados da família não pode correr o risco de possíveis assédios sexuais:

Essas mulheres raramente eram vistas fora de casa, exceto quando iam à missa... O exercício que estas senhoras faziam era quase totalmente confinado a casa... vivam cercadas de escravos, e era seu privilégio serem servidas. (HAHNER, 2003, p. 40).

Neste aspecto, dizemos que a passividade atribuída às senhoras, ao longo dos tempos, pode ser entendida, de acordo com os dizeres de Hahner (2003), como resultado do autoritarismo do pai ou do marido que serve de modo opressor, para manter a ordem familiar. Uma mulher casada, no século XIX, teria que cumprir com as regras impostas por um modelo patriarcal presente no cotidiano das famílias e obedecer, principalmente ao esposo que, por sua vez, a todo custo buscava manter a ordem e aparência conservadoras sobre a “boa” procedência do casamento. Por lei, as esposas não podiam se envolver em negócios, na administração de propriedades sem serem recomendadas por “ordens superiores”.

No Romantismo, por exemplo, a mulher era tida como uma figura idealizada. A prosa de ficção reproduzia os valores burgueses e a mulher era representada através de um modelo no qual, na condição de esposa, era romântica, sonhadora, obediente, a chamada “esposa modelo” para grande parte da sociedade. Essa visão desaparece com o surgimento de um novo estilo de época em resposta ao idealismo presente na visão dos românticos com relação às senhoras. Agora, o que estaria em jogo, conforme a estética realista, seria certo concretismo da realidade das pessoas, seus costumes e, especialmente, a vida dos grupos sociais burgueses e os conflitos encontrados nestes. O realismo, além de romper com o modelo do Romantismo, traz



para as narrativas elementos que, de certa forma, escandalizavam a sociedade burguesa, como é o caso do adultério nos romances deste período.

Em uma vasta pesquisa sobre a obra de Eça de Queiroz, Dantas (1999) revela-nos a situação da condição feminina naquele período:

Na segunda metade do nosso século, [século XX], porém, depois do desgaste sofrido por aqueles postulados científicos e filosóficos, a moldura que asfixiava a mulher vai se rompendo e o seu espaço social vai se alargando. Tanto é assim que a condição feminina passa a ser tomada como objeto de pesquisa por diversas áreas e até pela ficção e pelos estudos literários. [...] a literatura tem se tornado cada vez mais um espaço de reflexão crítica comprometido com o destino do ser humano em geral. (DANTAS, 1999, p. 13-14).

A mulher, conforme este autor, passa a ser como um risco a moral e aos “bons costumes”. Sua imagem e presença ligadas a problemas sociais comprometiam a estabilidade da época. Em Portugal, por exemplo, país predominantemente católico e de rígida tradição moral, a ideologia possui forte influência no agir das pessoas, especialmente sob a existência e ações femininas. Porém, algo atípico estava acontecendo entre as famílias, e os críticos da época julgavam necessário mostrar os prováveis motivos que levavam ao desentendimento entre os casais, desconstruindo, então, laços com as normas impostas. Manter uma educação religiosa rígida era camuflar algo que, para os críticos, seria apenas a tentativa de aliviar o gosto do pecado e trazer para si uma possível preservação da aparência: “[...] as mulheres que têm algo a esconder do convívio mundano procuram preservar a reputação que estão em vias de perder, através da rotina religiosa.” (DANTAS, 1999, p. 114).

Seguindo os valores de uma educação patriarcalista, os pais faziam questão de intensificar a busca por um marido para a filha que, mesmo na sua pouca idade, geralmente casava com homens mais velhos, desde que possuíssem um valor financeiro capaz de sustentar uma família. As mocinhas viam-se obrigadas a casar, por um simples cumprimento de um costume. Consoante isso mantiveram-se, até certo tempo, presas aos valores educacionais introduzidos pelos “chefes” de cada entidade familiar. Segundo Hahner (2003) “As filhas solteiras [...] permaneciam diretamente sob o seu controle, inclusive o de decidir quanto ao matrimônio que viesse contrair.” (p.46).

O casamento como contrato, aumenta ainda mais a angústia de um sentimento resignado pela esposa, forçada a assumir uma postura que não é sua. Bastaria que o marido tivesse condições financeiras para manter a família que o matrimônio seria proveitoso para a sociedade em geral, no entanto, contrariando os ideais da igreja, conforme Hahner (2003), ao dizer que a elite centrava o casamento como sendo uma propriedade.

Em “No moinho” (2004), por exemplo, vê-se na relação de João Coutinho e Maria da Piedade, um negócio para a família pobre desta, o de salvar a casa dos seus pais da penhora, mesmo que ela tivesse que se casar com um doente como João Coutinho. Não importaria o sentimento do casal, o que interessava era um lar. Nesse sentido, o casamento deveria propiciar:

Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, os filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. (D'INCAO, 2002, p. 223).

Esta era a situação da mulher burguesa, que tinha por obrigação dedicar-se aos cuidados da casa. Entretanto, havia a mulher que precisava trabalhar e a que nem sempre conseguia se casar. Eram muitas vezes consideradas de classe social inferior a depender do emprego que arranjariam, quando não casavam para conquistar uma condição de mantida pelo esposo: “Empregavam-se como domésticas, cozinheiras, amas de leite ou costureiras.” (HAHNER, 2003, p.41). Como exemplo de mulher que tinha esta configuração podemos citar Juliana, a empregada de Luísa, personagem de *O primo Basílio*, romance de Eça de Queiroz, publicado em 1997<sup>3</sup>. Para ela seria dado o direito, proposital, pelos patrões de sair de casa, de ir às ruas, passear, pois seria de uma classe marginalizada e considerada irrelevante para a pureza da classe abastarda.

Dessa forma, as empregadas também serviam para álibi de boa conduta das mulheres burguesas, ou seja, livrar as senhoras casadas de qualquer comentário que comprometesse o seu status.

Em outro aspecto, as esposas poderiam assumir o lugar do marido, se este fosse inválido ou após a sua morte. Cuidar de assuntos que fossem fora de sua rotina doméstica, fato representado no conto, quando diz respeito aos

---

<sup>3</sup> Este foi o ano da edição escolhido, pois o ano de publicação original é 1878.

conhecimentos administrativos de Maria da Piedade em relação à compra da fazenda para o primo, só seria possível com o consentimento do esposo à medida que este, mesmo enfermo, carrega consigo a moral de manter a ordem da casa.

Consequentemente na segunda metade do século XIX, as mulheres ganharam mais espaço na sociedade, tendo acesso a variadas leituras, conquistando aos poucos participação frequente em público, em eventos culturais:

A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre, a convivência social dá mais liberdade às emoções, não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. (D'INCÃO,2002, p.228).

O gênero feminino, nessa metade da história, se torna objeto de pesquisa nas diversas áreas do conhecimento humano. Maria da Piedade na sua condição de esposa, em “No moinho” (2004), de Eça de Queiroz é um exemplo claro de interesse dos intelectuais da época, em representar na literatura as mulheres da elite portuguesa, nas suas atitudes rotineiras. De acordo com a citação acima, a classe feminina agora já não seguia mais os princípios de honra atribuídos pela ordem que antes o país pregava.

Com as transformações político-econômicas porque passava Portugal, houve também mudanças no modo de agir e pensar das pessoas, pois o que era para ser verdade absoluta passava por mudanças em relação ao comportamento das pessoas. No caso da personagem analisada, notamos que ela, ao decorrer dos tempos, já não mantém a personalidade do início do conto. Mesmo com o consentimento do marido ela passa a sair de casa, trocar ideias com outros personagens, terminando por frequentar ambientes diferentes do convencional. Vale lembrar das idas à botica sempre apreciada pelo assumido amante. A personagem representa, nestes espaços frequentados, a quebra e a contrariedade dos costumes ditados pelo um povo que se dizia ordeiro. Mas, defeituoso nos seus princípios e moral.

Os intelectuais da época, a exemplo de Eça de Queiroz, buscaram mostrar os fatores irregulares de ordem social ocorridos em Portugal e apresentá-los na Literatura de forma crítica. O universo feminino, por ser considerado, segundo alguns teóricos, a exemplo de Francisco Dantas (1999) em estudos sobre Eça de Queiroz, de pouca segurança, carregado de segredos e certas privações, ajudara na

crítica feita pelos escritores ao social à medida que, no decorrer de suas fraquezas, rompem com a tradição moralista de respeito perante aos outros, em especial ao marido:

Eça de Queiroz se limitara a desenrolar o sudário dos pecados sociais do homem e apontar as mazelas da vida social portuguesa deixando transparecer os mistérios do destino e as inquietações do sentimento, as apreensões da consciência e os desequilíbrios da sensualidade. (SIMÕES, 2005, p. 19-20).

As representações femininas ganham espaço nos meios literários tendendo levantar teses de sentido polêmico como a questão do adultério, revelada em algumas obras de Eça de Queiroz, como em *O primo Basílio* (1997), representado através do romance de Luísa com o primo de seu marido. No conto analisado, uma possível traição será enfatizada por meio das atitudes de Maria da Piedade, após conhecer o primo de seu esposo. No conto estudado, o perfil de mulher exposto, dissemina a repressão da “burguesa” e a questão da relação matrimonial presente nas classes sociais abastadas.

Eça de Queiroz chama a atenção do público também pelo seu estilo próprio de escrever, utilizando-se quase sempre da escrita irônica, uma vez que, o narrador, no conto, se refere à personagem protagonista com intuito de revelar suas fraquezas: “Era assim tão dolorosa e fraca, que ele soltou-a; ela ergueu-se, apanhou o guarda solinho e ficou diante dele com o beicinho a tremer.”(QUEIROZ, 2004, p. 47). Nota-se com isso, a preocupação do narrador em relatar a personalidade de Maria da Piedade, como fraca e de um perfil imoral, ao se entregar a outro homem, no constar da sua realidade enquanto casada. Para o crítico de costumes, vale ressaltar, diz que “as regras burguesas são as mesmas: não há salvação para as mulheres que mantêm relações com um homem fora da instituição matrimonial.” (DANTAS, 1999, p. 124)

Notamos com isso que, mesmo com os avanços sócio políticos, alcança-se também transformações na vida privada das patroas, em relação aos direitos das mulheres em meados do século XIX, aquelas que, por um motivo ou outro, exerciam alguma profissão, visto que o seu trabalho continuava sendo realizado dentro de casa, apesar de serem em casas de outras mulheres, “usufruíam de certa independência cujo trabalho permitia que andassem em ruas e lojas e podiam ter ali suas vidas privadas longe dos patrões.” ( HAHNER, 2003, p. 41).

## 1.2 Algumas considerações sobre a mulher na ficção queiroziana

A figura feminina nos contos e nos romances do século XIX representa, em sua maioria, o comportamento das mulheres reprimidas pela sua condição social, as submissas que contrariassem as regras que lhes eram impostas são representadas na literatura como figuras marginalizadas pela sociedade. Além disso, existem as beatas que reclusas no seu desejo intacto, temiam a castigos divinos. Temos uma literatura composta por figuras femininas dependentes e alheias às decisões visando manter uma aparência que, geralmente, fundamentada na gestão social, tenta controlar as atitudes e vontades dessas personagens femininas nos enredos.

Considerando a perspectiva de Eça de Queiroz sobre as mulheres por ele representadas na ficção realista, podemos entender que suas obras utilizam a figura feminina para enfatizar parte da hipocrisia no período, mostrando que o casamento havia se tornado uma instituição falida, assim como a religião havia se tornado uma prática apenas ritualística. Tornando esta uma mera reprodução hipócrita e disfarçada:

Por meio desse levantamento, torna-se possível observar de que maneira Eça de Queiroz nos mostra que a formação religiosa, amparada no medo e na purgação de uma culpa ancestral [...] enquanto pilar da burguesia e da propriedade privada, a igreja se coloca a serviço da ideologia em questão com o que se mancomunava na veiculação e na preservação dos valores tradicionais relativos à mulher (DANTAS, 1999, p.108-109).

Vemos no trecho destacado que Eça de Queiroz dá significado as falhas da educação religiosa. Mesmo em favor dos costumes da sociedade, os princípios eclesiásticos para o casamento, na maioria das vezes, seriam usados pelo universo feminino como forma de diminuir o sentimento de culpa ou do medo provocado por algo irregular dentro dos costumes. Em *O Primo Basílio* (1997), por exemplo, o narrador traz Luísa como representação das mulheres burguesas que aparentam viver bem: confortada, luxuosa e visivelmente religiosa, educada, loira e bonita, mas que muda sua autoestima, também o modo de pensar e agir direcionado ao marido, em função da chegada de Basílio em Lisboa:

Não gostaria de um marido com uma vida sedentária e caturra; mas a profissão de Jorge era interessante; descia aos poços tenebrosos das minas; um dia aperrara as pistolas contra uma malta revoltada; era valente; tinha talento! Involuntariamente, porém, o primo Basílio fazendo flutuar os seus *bournos* branco pelas planícies da Terra Santa, ou em Paris, direto na

almofada, governando tranquilamente os seus cavalos inquietos — davam-lhe a ideia de uma outra existência mais poética, mais própria para os episódios do sentimento. (QUEIROZ, *O Primo Basílio*, 1997, p. 70).

Questionada a personalidade da protagonista, atraída por outro homem, compromete a relação matrimonial. No caso de Luísa, quando passa a se encontrar com o primo e trair Jorge (o marido). Nesse sentido, o escritor português questiona as situações que vê, sobre a relação marido e mulher, representando na Literatura, as fraquezas e os desencantos femininos, como forma de revelar à sociedade os impasses presentes.

Outro aspecto interessante encontra-se em “Singularidades de uma Rapariga Loura” (2004)<sup>4</sup>, conto mais ou menos escrito no período de “No moinho”. Nele vê-se a história de uma mulher loura também de nome Luísa, de bonita pele e dona de uma beleza física singular, que se envolve afetivamente com um homem de família tradicional da sociedade lisboeta. Certo dia vão a uma joalheria e, nesta, a senhorita rouba um anel, escandalizando e envergonhando o futuro esposo de procedências sócio- econômicas moralistas e dignas:

Não me faça mal!—suplicou, encolhendo-se toda. Macário ficou com os braços caídos, o ar abstrato, os beijos brancos; mas de repente, dando um puxão ao casaco, recuperando-se, disse ao caixeiro: tem razão. Era distração... Está claro! Tinha o braço de Luísa passado no seu; e via-lhe a mão pendente, a sua linda mão de cera, com veias docemente azuladas, os dedos finos e mão amorosos: era a mão direita, e aquela mão era da sua noiva! [...] De repente, soltando o braço de Luísa, disse-lhe baixo: Vai-te. (QUEIROZ, 2004, p. 40).

Eça de Queiroz mostra, enquanto descreve suas personagens, que as mulheres de boa aparência e tendenciando a condições socioeconômicas elevadas, escondem algo por trás de perfis tão finos que a livra de qualquer suspeita. Estas senhoras representadas na Literatura, estão a padecer da deslealdade, da falta de moral que é enfatizada, neste caso, no roubo do anel, que causou um escândalo na joalheria e, conseqüentemente, comprometeu sua futura relação de matrimônio com o pretendente, pois o moço de trajetórias familiares respeitáveis e consideradas seria mal visto pelos demais em seu círculo social.

A rigidez ideológica faz com que as condições e as ações das senhoras estejam sempre limitadas. Cabendo enfatizarmos que a moral do clero não contribuiu para a boa formação social, isto no que diz respeito ao controle dos

---

<sup>4</sup> Este é o ano de publicação utilizado, pois o ano original é 1874.

desejos da carne desencadeando em problemas na relação conjugal mais tarde, em que se tem o casamento não por amor, mas por cumprimento de algumas normas sociais, como já dito e das menções religiosas fazendo-nos perceber o poderio da igreja sob a educação da população.

“No moinho” (2004) dá ênfase ao perfil de uma mulher impulsionada aos cuidados domésticos e a contrariedade desta para com o senso comum. Uma vez que no conto isto é retratado de forma paralela com a realidade da época pelo escritor. Portanto, ainda privada dos seus direitos civis, jurídicos e da participação política e social. De acordo com Dantas (1999), a independência da mulher advém da sua ignorância intelectual:

No começo do nosso século, entre os estudiosos que olham o passado no sentido de melhor trabalhar a causa feminina em Portugal, corre como incontestável o fato de que ‘o estatuto de ignorância das mulheres’ seria a base reconhecida e confessa de todos os males. Pior que a ausência de direitos civis e políticos, pior que a dependência econômica, é a ignorância total da mulher, a total inércia intelectual e a dependência que daí resulta. (DANTAS, 1999, p.32).

A maneira pela qual a mulher aparece nas obras do autor estudado segue o modelo de educação voltado à resignação e para a religiosidade, ou seja, parte das mulheres portuguesas, limitadas nas suas atitudes, não podiam desviar-se da ética e moral direcionadas à elas, o que na visão de Eça de Queiroz, mantinha o público feminino ignorante.

Visto dessa forma, a personagem Amélia em o *Crime do Padre Amaro* (1998) <sup>5</sup>uma mulher vestida e recolhida no seu traje composto, revelava as mazelas sociais, inclusive as irregularidades retratadas por Eça de Queiroz no interior das entidades religiosas do período. Amélia e sua beatice usava a religião para realizar, às escondidas, o desejo sexual com o padre Amaro, também personagem do romance. Existem, dessa forma, críticas e polêmicas ao clero, incluindo a corrupção dos padres que manipulavam a população em função da elite:

Se as experiências diretas desse tempo nos são inacessíveis e irrecuperáveis, se a mulher não tinha voz própria nem delegada, se as informações que chegaram até nós são muito indigentes e dotadas – o romance, enquanto depositário das ideias, dos valores, dos costumes e das interpretações dessa época, enquanto obra de arte e como tal, [...], desfruta de uma posição inestimável como documento em que nos podemos abeberar para melhor entender e vivenciar um pouco da complexidade cultural onde se insere a mulher, com as suas aspirações inteiramente coibidas. (DANTAS, 1999, p.15).

---

<sup>5</sup> O ano de publicação original é 1875.

Temos, então, no conto em análise, as mesmas características do romance realista que, como documento, registra os valores e ideias sociais do século XIX, através das personalidades literárias transformadas em representações de acontecimentos reais. O conto de Eça de Queiroz, mesmo sendo ficção, está intrinsecamente ligado à realidade social, tornando-se fonte de resgate dos eventos e momentos de uma determinada época.



## **CAPÍTULO II**

### **MARIA DA PIEDADE: PERSONAGEM PROTAGONISTA DO CONTO “NO MOINHO”**

## 2.1 Aspectos sobre a elaboração da personagem

### 2.1.1- Personagem: algumas notas teóricas.

As possibilidades de criação de uma personagem constituem um jogo de regras que, de alguma forma, contribuem para o sentido da trama. Os verbais utilizados pela personagem marcam ou valorizam sua posição social para alguns escritores e, provavelmente, os espaços caracterizam seu status. A conexão destes elementos é primordial para a construção da personagem: “É possível detectar numa narrativa as formas encontradas pelo escritor para dar forma, para caracterizar as personagens, sejam elas encaradas ou para a construção linguístico-literária ou espelho do ser humano.” (BRAIT, 1985, p. 53).

Para Vieira (2008), há influência dos aspectos linguísticos na compreensão dos discursos presentes nos romances:

Nenhum tipo de discurso escapa à necessidade argumentativa, ao recurso à figura de estilo, ou a procura da melhor ordem dispositiva dos argumentos, muito menos uma personagem romanesca, porque construída em contexto linguístico-literário, não poderia eximir-se a retórica. (VIEIRA, 2008, p.137).

Desse modo, dizemos que os elementos linguísticos possuem contribuição significativa na construção de uma personagem. Relacionando o dizer da autora com as personagens instituídas por Eça de Queiroz, dizemos que os adjetivos usados por este, na descrição de suas figuras na narrativa, há uma relação de dupla personalidade quanto à verdadeira identidade, resultando, muitas vezes, na maneira irônica pela qual o escritor opta ao referir-se à elas.

Dizemos que a construção de uma personagem é resultado de um processo consciente de elaboração por parte do autor, mas que este deixa pistas, principalmente aquelas apontadas pelo narrador, para que o leitor atento perceba seu perfil no enredo. Sobre este aspecto, acrescentamos o que pensa Cristina Vieira, ao afirmar que “A construção da personagem romanesca recaia sobre o leitor a partir de dados fornecidos pelo autor mediante o cotejo de índices crônicos [...]” (VIEIRA, 2008, p. 268). Exemplificamos com uma passagem do nosso objeto de estudo em que o narrador do conto apresenta, em diversos momentos, o perfil de

uma mulher tão virtuosa que se nega mesmo a tirar do tempo de cuidados com seus enfermos para ir à Igreja:

Toda a sua ambição era ver o seu pequeno mundo bem tratado e bem acarinhado. Nunca tivera desde casada uma curiosidade, um desejo, um capricho: nada a interessava na terra senão as horas dos remédios e o sono dos seus doentes. (QUEIROZ, 2004, p. 43).

Cuidar do lar seria uma tarefa diária a ser cumprida por algumas esposas da época, o trabalho rotineiro não podia ser esquecido ou mesmo desprezado. Maria da Piedade vivia unicamente a cuidar dos filhos enfermos e do esposo que também não passava de um “inválido”, dependente da mulher:

Todo o esforço lhe era fácil quando era para os contentar: apesar de fraca, passeava horas trazendo ao colo o pequerrucho que era o mais impertinente, com as feridas que faziam dos seus próprios beicinhos uma crosta escura: durante as insônias do marido não dormia também, sentada ao pé da cama, conversando, lendo-lhes as Vidas dos Santos, porque o pobre entrevado ia caindo em devoção. (QUEIROZ, 2004, p. 43).

É importante ressaltar que a relação entre a Igreja Católica e a ideologia que envolve a classe burguesa é destacada por Eça de Queiroz no papel desempenhado pela personagem em estudo. A presença de Maria da Piedade na instituição religiosa “aos domingos com o pequerrucho mais velho pela mão no seu vestido de veludo azul.” (QUEIROZ, 2004, p. 43) reforça a ideia de que, para o crítico realista, ter uma educação religiosa resulta em determinadas privações femininas e, conseqüentemente, no conservadorismo imposto pela religião, sobretudo às mulheres, o que fazia com que as famílias geralmente marcassem presença nas missas como uma forma de purificação da alma. Era quase uma obrigação, no século XIX, que as senhoras frequentassem os ritos religiosos cotidianamente para não se deixarem levar pelo pecado.

Mas, para a protagonista em análise, até a ida à Igreja era difícil em detrimento das ocupações com seus doentes. O fato de não ter tempo para distrair-se dos cuidados com o marido e com os filhos enfatiza o silêncio e a contenção dos desejos que disfarçadamente estariam no interior de Maria da Piedade:

(...) naquele dever de boa mãe, cumprindo com amor, encontrava uma satisfação suficiente à sua sensibilidade; não necessitava adorar santos ou

enternecer-se com Jesus. Instintivamente mesmo pensava que toda a afeição excessiva dada ao Pai do Céu, todo o tempo gasto em se arrastar pelo confessionário ou junto do oratório, seria uma diminuição cruel nos seus cuidados de enfermeira: a sua maneira de rezar era velar os filhos: e aquele pobre marido pregado numa cama, todo dependente dela, tendo-a só a ela, parecia-lhe ter mais direito ao seu fervor que o outro, pregado numa cruz, tendo para o amar toda uma humanidade pronta. (QUEIROZ, 2004, p. 43).

Obrigada a adaptar-se ao mundo que vivia, presa as suas próprias vontades, Maria da Piedade ficaria perturbada se algo lhe tirasse a atenção. O compromisso com suas atividades diárias fazia parte das normas culturais que o patriarcalismo disseminou, nesse caso, portanto, incluímos a personagem, em um primeiro momento, como parte do conjunto de regras incumbidas no meio social que contribuem para com sua construção diante das ações na narrativa.

Consideramos que a ironia de Eça de Queiroz, na visão de Francisco Dantas (1999) em seu estudo sobre a personagem feminina nas obras do crítico português, sua prosa de ficção de um modo geral, mostra a utilização de uma retórica apropriada para o desenrolar da trajetória da personagem. Através do processo retórico o narrador elabora a figura feminina, ou seja, nada escreve por acaso, sempre contextualiza sua obra de acordo com a causa e o efeito que espera provocar naquele que a ler. Porque, “processo retórico é todo o desvio linguístico da combinação habitual, provocado pelo autor com o propósito de que aquele seja percebido pelo receptor”. (VIEIRA, 2008, p. 130). À medida que se desenrola na trama, podemos perceber que Maria da Piedade carrega sentimentos relacionados a época em que o conto foi escrito.

Por um lado, como utilização de um processo retórico, observamos, não apenas a adjetivação utilizada para cada um dos personagens, mas também o modo como cada um deles aparece na narrativa. O marido é mostrado de forma negativa, “João Coutinho era um inválido, inutilizado por uma doença de espinha. Já o primo é mostrado de forma sedutora, Adrião, contudo, era mostrado de tal forma pelo o fato de ser assinante do Jornal Lisboa e também romancista, um mestre para orgulho de seu parente retratado como um doente.” (QUEIROZ, 2004, p. 43-44). Como analisamos, essas imagens podem ser construídas através do uso dos processos retóricos, a exemplo dos adjetivos, utilizados na caracterização dos personagens citados acima, que auxiliam no desenvolvimento e na construção de cada um no conto.

Por outro lado, ao observar o próprio nome, Maria da Piedade, levando em consideração o que ela representa primordialmente para a sociedade, o fato de ser vista como uma senhora modelo, mulher anjo, compreendemos que Eça de Queiroz tenha optado por fazer uma analogia com Maria mãe de Jesus, símbolo de mulher humilde, piedosa que serviu de exemplo, nesta acepção, para aqueles que tinham na sua imagem e no seu conteúdo de mulher sublime, respeito e admiração. Segundo o dicionário Aurélio, “piedade significa amor e respeito às coisas religiosas”. (FERREIRA, 2001, p. 533). Mais um motivo em afirmar que, as condições argumentativas são criadas para construir personagens representativas no desenrolar do enredo. Neste caso, a mulher realista é mostrada a partir do nome sugestivo Maria da Piedade, como personagem do conto em questão. Na verdade, as condições que são mostradas no enredo, reforça a ideia de que era obrigada a seguir um padrão social que fazia dela uma mulher de respeito e de dignidade, aparentemente.

Outro aspecto importante, na construção da personagem nas obras de Eça de Queiroz, condiz com o uso de repetições de palavras com o propósito de dar estilo e significado a narrativa, à medida que descreve as ações. Como por exemplo, no beijo de Adrião em Maria da Piedade, quando ela repete em “Malfeito... Malfeito...” (QUEIROZ, 2004, p. 47) a atitude daquele homem. Esse recurso utilizado, bem como a disponibilidade dos adjetivos no conto, “era uma loura de perfil fino” ( QUEIROZ, 2004, p. 42) materializam a personagem na sua existência literária. Esta pode ser elaborada, ainda, por meio de suas características físicas, vestimentas fisionomia e caráter:

Ela destacava sobre o mundo de mulheres que até ali conhecera, como um perfil suave de anjo gótico entre fisionomia de mesa redonda. Tudo nela concordava deliciosamente: o ouro do cabelo, a doçura da voz, a modéstia na melancolia, a linha casta, fazendo um ser delicado e tocante a que mesmo o seu pequenino espírito burguês, certo fundo rústico de aldeã e uma leve vulgaridade de hábitos davam um encanto: era um anjo que vivia a muito tempo numa vilota grosseira e estava por muitos lados preso às trivialidades do sítio. (QUEIROZ, 2004, p.46).

Percebemos no trecho acima que o narrador refere-se a personagem no conto, com admiração. Utiliza termos, na sua maioria duplos e carregados de sentido. “O período faz-se curto, raramente os adjetivos são mais de dois”. (MINÉ ET. Al., 1995, p. 54). Irônico, Eça de Queiroz, ao nosso ver, adota recursos

sintáticos e semânticos precisos para as ações das personagens na narrativa como vemos na citação em destaque, sobre Maria da Piedade.

Ao falar de Maria da Piedade como esposa no início do conto, tem-se a necessidade, por parte de Eça de Queiroz, em relatar a condição da mulher da época. A partir disso, notamos que o narrador faz referência à personagem da história com traços que remetem à tristeza e à solidão espiritual ao afirmar que: “Mesmo em solteira, em casa dos pais, a sua existência fora triste”. (QUEIROZ, 2004, p. 42). Com isso, o termo introdutório da oração em realce, situa e também confunde quem lê, de modo que podemos dizer que desde solteira era triste. O casamento prolonga ainda mais sua angústia de mulher não realizada, espiritualmente, pois a bela moça continua, na sua existência triste e monótona em redor de uma família enferma e de um “esposo inútil”.

Sempre foi uma moça admirada por todos pela sua beleza. Na vila onde morava, despertava os olhares até mesmo daqueles que por perto de sua casa passavam, pois prendia a atenção da sociedade, seja pela face bonita, seja pelas atitudes diárias, que a princípio encantavam.

Em uma narrativa a esteticidade, como uma norma posta pela sociedade pode determinar algo diante de situações propícias ao relacionamento amoroso, como instiga a tal à imagem de lindo rosto da personagem estudada:

A norma é toda regra que dita qual o valor socialmente aceite como positivo. O bem, a justiça e a beleza, por exemplo, são normas ou valores normativos em muitas sociedades. Mas as normas também estabelecem hierarquias entre si num dado sistema ideológico, isto é, umas valerão mais do que outras. (VIEIRA, 2008, p. 358).

Neste caso, a estética seria sinônimo de felicidade para algumas partes do social. “No moinho” (2004), a “beleza tocante” da personagem feminina é vista aqui como um dos fatores para a realização do casamento de Maria da Piedade com João Coutinho. Sendo que ele encantou-se as vistas de uma recatada e bonita mulher: “ela aceitou, sem hesitação, quase com o reconhecimento, para salvar o casebre da penhora [...] Não amava o marido decerto” (QUEIROZ, 2004, p. 42).

Ressaltar a questão do casamento por conveniência era muito significativo para Eça de Queiroz visto dizer que, a religião e seus princípios falhos, como já

ênfatizados anteriormente, contribuem para possíveis transtornos sentimentais durante a relação entre marido e mulher, pois não se casariam por amor. Quando o narrador diz ‘não amava o marido decerto’ e ‘para salvar o casebre da penhora’, percebemos que o matrimônio era de total interesse das famílias que possuíam moças solteiras. Maria da Piedade engaja-se nesse padrão de contrato de casamento favorável pelas boas condições financeiras que João Coutinho herdou, ainda que sua vida fosse daí por diante, um ambiente monótono:

A mesma paisagem que ela via da janela era tão monótona como a sua vida: embaixo a estrada, depois uma ondulação de campos, uma terra magra plantada aqui e além de oliveiras e, erguendo-se ao fundo, uma colina triste e nua, sem uma casa, uma árvore, um fumo de casal que pusesse naquela solidão e terreno pobre uma nota humana e viva. (QUEIROZ, 2004, p. 43).

A vida de Maria da Piedade na vila não tinha outros momentos, se não dedicar-se unicamente aos serviços da casa. Sua vida solitária chega a ser comparada a amplidão da paisagem que vista por ela, não demonstrava o menor resquício de desenvolvimento, progressão. Desse modo, a natureza da personagem assemelha-se a descrição da natureza como cenário: pacata e quase sem vida.

Nesse sentido, o cenário vivido por Maria da piedade mostra a escolha do narrador em focar a vida dela em favor da aceitação diária, ou seja, o comportamento regrado seria alvo de chacotas e maus olhos, conseqüentemente. Vivia uma vida resignada na sua casa que mais parece um hospital, conformada com o compromisso de cuidar das doenças dos seus entes familiares: [...] era uma loura de perfil fino. Mesmo em solteira a sua existência fora triste.”( QUEIROZ, 2004, p. 42).

Tudo transcorria calmo, embora em uma rotina deprimente até que, no conto, se instaura o momento problematizador, a chegada do primo Adrião. A partir desse momento, as ações das personagens começam a mudar, inclusive as de Maria da Piedade:

Dona Maria da Piedade ficou aterrada com esta visita. Via já a sua casa em confusão com a presença do hóspede extraordinário. Depois a necessidade de fazer mais toilette, de alterar a hora do jantar, de conversar com um literato, e tantos outros esforços cruéis!... E a brusca invasão daquele mundano, com as suas malas, o fumo do seu charuto, a sua alegria de são, na paz triste do seu hospital dava-lhe a impressão apavorada de uma profanação. (QUEIROZ, 2004, p. 44).

A quebra da rotina parecia incômoda para Maria da Piedade, por causa de seus afazeres, mas, ao longo do texto, isso vai se tornando algo muito perturbador, pois ela se envolve emocionalmente com o primo e se sente muito atormentada com o novo sentimento: “Ela escutava-o de olhos baixos, pasmada de se achar ali tão só com aquele homem tão robusto, toda receosa e achando um sabor delicioso ao seu receio...” ( QUEIROZ,2004, p. 47). A sensação ou a ilusão de amar Adrião invadiu-a com fervor e suas atitudes, a partir de agora, passariam a serem outras. Visto que mesmo receosa, como afirma o trecho retirado do conto, a presença do primo, mexe com seu eu à medida que deixa transparecer o gosto por está vivendo àquela situação.

Adrião, o primo do enfermo, considerado intelectual, era um romancista renomado que aparece na vila com o propósito de vender uma antiga propriedade do seu pai, e, tendo João Coutinho como parente pretende, inicialmente, se instalar na casa dos doentes. A chegada do primo será um ponto de observação no conto, visto que, começam as possíveis mudanças de comportamento da personagem Maria da Piedade, com os pacientes da casa.

Maria da Piedade reflete, de certo modo, representa a infelicidade de grande parte da população feminina, fruto de uma sociedade burguesa, que priva de alguns direitos, de mulheres no século XIX. As personagens constroem-se diante de uma série de valores disseminados que as repreende nas suas vontades, obrigando-as a criar condições de vivência. Isso assegura Eça de Queiroz a criticar algumas classes sociais lusas no seu comportamento moral tornando-se cada vez mais irônico à medida que descreve as personagens fingidas, como símbolo de produto do social.

A combinação complexa da obediência e da liberdade, em conformidade com Vieira (2008), “gera personagens com sentido de lealdade capazes de coincidir com um espaço de liberdade, juntamente com a obediência ao soberano ou a ordem social”( VIEIRA, 2008, p. 372). Dessa forma, Maria da Piedade obtém a liberdade de sair de casa, mesmo sob ordem do esposo, e da ideologia que controla as vontades alheias, pois como apontamos anteriormente, o marido autoriza a ajuda para com o primo com a venda da propriedade.



### 2.1.2 Protagonista

Afirmar ser a personagem, Maria da Piedade, o retrato de variados fatores como psicológicos, moral, sociológico, etc. remete-nos ao que afirma Vitor Manoel Aguiar e Silva (2006), que na narrativa a personagem nunca estar de forma aleatória, isto é, vê-se que carregam consigo valores discriminados para uma determinada sociedade. No desenrolar das ações de um enredo existem os sujeitos que participam efetivamente, à medida que protagonizam ações e, por isso, seus papéis em consonância com a cultura correspondente, visto ser, a protagonista, crucial ao encadeamento com as outras pessoas na trama pelo fato de obter a função de representar o que lhe incumbiram:

O protagonista representa, na estrutura dos actantes ou agentes que participam na ação narrativa, o núcleo ou o ponto cardeal por onde passam os vetores que configuram funcionalmente as outras personagens, pois é em relação a ele, aos valores que ele consubstancia, aos eventos que ele provoca ou que ele suporta, que se definem o deuteragonista, a personagem secundária mais relevante, o antagonista, a personagem que se contrapõe a personagem principal e que, em muitos textos, coincide com o deuteragonista, e os comparsas as personagens acessórias ou episódicas. (AGUIAR E SILVA, 2006, p. 699-700).

Desse modo, reforçamos a ideia do autor referenciado no que diz respeito ao fato de a personagem carregar consigo, fatores de cunho social em “No moinho” (2004) de Eça de Queiroz. Quer dizer, a protagonista cumpre o papel de envolver nos momentos narratológicos, os demais participantes das possíveis cenas e ações. O olhar crítico de Vieira (2008) com relação à construção da personagem torna-se significativo sob o envolvimento desta nas ações. Sendo que “a sequência da narrativa tem uma relação direta com as atitudes da protagonista à medida que ela conduz uma ação, que a completa ou não.” (VIEIRA, 2008, p. 243) Por isso, Maria da Piedade relacionada ao planejamento da narrativa está ligada ao desenrolar dos atos que ela participa e, que fazem parte da trama.

Sobre a protagonista, é possível dizer que, com base em Aguiar e Silva (2006), a ação de forma que toda a ação em volta delas transcorra à medida que se desloca no espaço, sempre de acordo com o contexto sócio cultural pelo qual o narrador as envolve em uma narrativa. A personagem principal de uma trama destaca-se logo no início da narrativa sendo que o narrador apresenta para o público leitor o possível sujeito de cada ação. Com isso, diríamos que “nos escritos do século XVIII e de

quase todo o século XIX [...], a personagem é em geral apresentada através de um *retrato*, elemento relevante, por isso mesmo, na estrutura de tal romance.” (AGUIAR E SILVA, 2006, p. 703). Tal retrato diz respeito à representação da pessoa referenciada, seja em aspecto físico seja em aspecto psicológico.

Maria da Piedade possui perfil traçado diante de uma imagem do seu temperamento, do vestuário e do modo de vida em geral durante a narrativa. Na criação da personagem, como principal, em “No Moinho” (2004), notamos que Eça de Queiroz no seu detalhismo utiliza-se de certos recursos linguísticos a fim de consolidar aquilo que quer passar para o receptor: “— É uma santa! É o que ela é! — É uma fada! É uma fada!” (QUEIROZ, 2004, p. 42-43). As atribuições feitas pelo narrador a protagonista são, de certa forma, para que o leitor crie expectativas e possa unir seus pré- conhecimentos ao que lê, pois se a palavra **santa** bem como a palavra **fada** lembram o sublime, a calma e símbolo de bondade. Tais características ajudam a criar um tipo de personagem, situando aquele que ler para percebê-la como tal:

A vila tinha quase orgulho na sua beleza delicada e toante; era uma loura, de perfil fino, a pele ebúrnea, e os olhos escuros de um tom de violeta, a que as pestanas longas escureciam mais o brilho sombrio e doce. Morava ao fim da estrada, numa casa azul de três sacadas; e era para a gente que as tardes ia fazer o giro até o moinho, um encanto sempre novo vê-la por trás da vidraça, entre as cortinas de cassa, curvada sobre a sua costura, vestida de preto, recolhida e séria. (QUEIROZ, 2004, p. 42, grifo nosso).

Recolhida e séria pelo fato de os costumes religiosos da época exigirem postura e seriedade das esposas, como já falamos anteriormente. Sendo ela casada, tem por dever apresentar aquelas características. Os termos grifados na citação, enfatizam ainda a questão do ambiente vivido pela personagem protagonista, quando relacionado à cor preta, pois se olharmos com precisão, é possível associar a tonalidade escura ao dia a dia no ambiente ao qual vive. A descrição do ambiente associa-se assim a descrição da protagonista:

A casa, interiormente, parecia lúgubre. Andava-se nas pontas dos pés, porque o senhor, na excitação nervosa que lhe davam as insônias, irritava-se com o menor rumor; [...] as flores com que ela, no seu arranjo e no seu gosto de frescura, ornava as mesas, depressa murchavam naquele ar abafado de febre, nunca renovado por causa das correntes de ar; e era sempre uma tristeza ver sempre alguns dos pequenos ou de emplastro sobre a orelha, ou a um canto do canapé, embrulhado com cobertores com um amarelidão de hospital. (QUEIROZ, 2004, p. 42).

Ao descrever Maria da Piedade como uma senhora que realmente mostra dignidade por ser séria, à medida que destacamos acima, percebemos que é pertinente a afirmação de Hahner (2003) do comportamento típico das senhoras as quais eram obrigadas a mostrar uma postura educada e de obediência que permaneciam relacionadas à honra familiar.

Entretanto, as palavras do marido, João Coutinho, ao apresentar a esposa ao primo, possibilita que passemos a enxergá-la com outros olhos. Nesse sentido, observamos no conto uma gradativa mudança acontecendo no perfil de Maria da Piedade, trazendo para esta parte alguns traços de mulher inteligente, arguta, qualidades que não haviam sido citadas ainda dentre as virtudes já mostradas pelo narrador: “Ela vai contigo ver a fazenda, fala com o Teles, e arranja-te isso tudo... E na questão de preço deixe a ela!...” (QUEIROZ, 2004, p. 45).

Conforme o resumo do conto, brevemente explicado na Introdução deste trabalho, o contato com Adrião é crucial para revelar o outro lado desta protagonista feminina, pois embora ele vá observar também suas virtudes de mãe e esposa cuidadosa de uma família doente, é esta característica de uma mulher inteligente e sábia o suficiente para tomar conta dos negócios do marido que também chamam a atenção do primo vindo da capital. É, então, na ida ao Moinho que um clima de maior proximidade entre os dois acontece:

Tinha-se prendido à orla do seu vestido um galho de silvado, e como ele se abaixara para o desprender delicadamente, o contato daquela mão branca e fina de artista na orla da sua saia incomodou-a singularmente[...] e a conversa de Adrião foi-a lentamente acostumando à sua presença.(QUEIROZ, 2004, p. 45).

Vejamos que tudo confluía nos aspectos narratológicos para este momento: observando o que já expusemos sobre os aspectos retóricos e linguísticos sobre a elaboração da personagem, constatamos que o narrador aponta para que as atitudes e a sedução de Adrião sejam fatores significativos, em primazia, que influenciam nas ações da protagonista, fazendo com que mais adiante ela direcione suas ações para caminhos diferentes das suas tarefas do lar e da sua anterior rotina de extrema dedicação à família doente. Deixou-se envolver pela sedução do primo que mudou total e condicionalmente o semblante solitário daquela família, especialmente, o de Maria da Piedade que ao longo da trajetória ficcionista,

singularizou afetivamente o seu modo de olhar em relação a Adrião, uma vez que o olhava cheia de vontades.

Maria da Piedade no seu aspecto de transição passa a sofrer alterações com a presença do 'homem majestoso', o espaço não é mais o mesmo, ela já mostra-se diferenciada e com outras ocupações, além do dia a dia dedicado a casa que tanto a preocupava. "João Coutinho declarar-lhe que a mulher era uma administradora de primeira ordem, e hábil nestas questões como um antigo rábula." (QUEIROZ, 2004, p. 44).

Até então, Maria da Piedade era uma dona de casa perfeita. Adrião, no entanto, desperta o orgulho de João Coutinho ao recebê-lo em casa, pois era um homem célebre, "era um romancista: e o seu último livro, *Madalena*, um estudo de mulher trabalhado a grande estilo, duma análise delicada e sutil, consagrara-o como um mestre". (QUEIROZ, 2004, p. 44; grifo do autor). A rotina da casa certamente diminuiria, e os cuidados designados aos enfermos do lar já não permaneciam tão intensos doravante somente aos acontecimentos fora dele. Surge, com isso, o descumprimento de Maria da Piedade com relação à família e às regras via sociedade.

Ao representar as manifestações do público feminino da pequena burguesia sujeita ao inconformismo ideológico, desperta possivelmente, no leitor uma punição para a personagem diante das circunstâncias envolvidas na ação. "Mas, enfim, ela devia ter momentos em que desejasse alguma coisa além daquelas quatro paredes, impregnadas do bafo da doença..." (QUEIROZ, 2004, p. 45). As saídas da esposa de João Coutinho em companhia do primo dele contribuíram para que a "senhora modelo", conhecesse outros ares, hábitos, pensamentos, enfim, os momentos agora não eram mais os mesmos.

Observando o comportamento, nesse momento, percebemos que Eça de Queiroz (2004) caracteriza no conto, por sua vez, uma sociedade em transformação, distribui-se em caracteres dirigidos às personagens disfarçadas, levando o leitor a avaliar e conhecer os fatores irregulares acontecidos no âmbito sócio cultural da época em que o autor em estudo vivencia:

O ouro do cabelo, a doçura da voz, a modéstia na melancolia, a linha casta, fazendo um ser delicado e tocante, a que mesmo o seu pequenino espírito burguês, certo fundo rústico de aldeã e uma leve vulgaridade de hábitos davam um encanto: era um anjo que vivia há muito tempo numa vilota grosseira e estava por muitos lados presa às trivialidades do sítio: mas

bastaria um sopro para o fazer remontar ao céu natural, aos cimos puros da sentimentalidade... (QUEIROZ, 2004, p. 46).

A análise descritiva que o primo faz da protagonista, percebida acima, quanto à sua fisionomia e a sua personalidade, leva-nos a identificar tanto a importância dos valores ideológicos quanto a necessidade de reconhecer que as moças oitocentistas são incumbidas a demonstrar algo que não condiz com o seu eu. Através do narrador, o autor faz questão de ironizar as atitudes da personagem principal, atribuídas a esta no decorrer da narrativa, chamando-a sempre de 'senhora modelo', 'anjo', 'fada'.

No entanto, Maria da Piedade caminha para acompanhar a imoralidade social. Ir com isso, ao moinho com Adrião para ela seria uma forma de concretizar o desejo recolhido de estar perto de um homem com ar saudável: "o passeio ao *moinho* foi encantador." (QUEIROZ, 2004, p. 46, grifo nosso) O moinho abandonado seria palco das impurezas realizadas pelo 'anjo', considerada a princípio, mas que agora já desencadeava novos olhares. "Adrião vi-a de perfil, um pouco curvada, esburacando com ponteira do guarda sol as ervas brancas que invadiam os degraus". (QUEIROZ, 2004, p. 46).

O moralismo social, considerado como um valor imposto passa a sofrer alterações com as ações da figura principal em paralelo com outro homem que não o seu marido. O contato desta com Adrião desencadeia uma paixão proibida. Representando a mulher seduzida pelo romantismo das palavras de um intelectual e encantador. Constrói-se em torno do olhar do narrador, a crítica às fraquezas e a imoralidade das classes abastardas, representadas no conto escrito por Eça de Queiroz.

Contrariando as normas da ideologia da época, o fenômeno do beijo, resultado das privações primeiras da personagem e da sedução do Romancista acontece em um cenário propício e articulador de paixões proibidas aos olhos do senso comum. O moinho afastado e de paisagem sóbria seria perfeito à cena: "E de repente sem que ela resistisse, prendeu-a nos seus braços, e beijou-a sobre os lábios dum só beijo profundo e interminável." (QUEIROZ, 2004, p. 47).

Maria da Piedade, desvendada por Eça de Queiroz, conduz o leitor a julgá-la pela "quebra dos deveres de honestidade e a responsabilização pelos próprios actos" (VIEIRA, 2008, p. 397). Todavia, até mesmo o contexto influi nas atitudes da personagem, contribuindo para que ela tentasse sair daquela situação de

improbidade. Levando o leitor a focar sob a personalidade da personagem que, se deixa levar pelas seduções de um visitante, enxergando-a como vítima.

De outro modo, o narrador na sua observância, reforça a ideia de vitimização quando Adrião diz ser “um absurdo desmoralizar a frio uma boa mãe” e quando ela mesma se expressa no conto em “Malfeito!” o ato de beijá-la. (QUEIROZ, 2004, p. 47). O princípio de vitimização, diz que “subtende sempre um contexto de injustiça ou de circunstancialismo claramente adversos a pesar sobre a personagem em causa, e que lhe motiva por vezes condutas ignóbeis.” (VIEIRA, 2008, p. 420).

O olhar sociológico de Eça de Queiroz, para com os seus feitos literários, tende a construir Maria da Piedade de acordo com o meio em que vive. Sobretudo, colocando-a em situações que direcione-a a um possível adultério, em vistas do sujeito leitor ao modo de vida em que a personagem feminina encontra-se inserida. A sua trajetória desde mulher anjo à vil desperta, por hora, sentimentalismo de quem se dispõe ao ler o conto, pois terminar à beira da marginalização como figura ignorada socialmente. Resultado das ações cometidas ao longo do conto, causadas segundo os autores que falam a respeito, a exemplo de Eça de Queiroz, pelo o fingimento e pela moldura que envolve a ética humana da sociedade conservadora retratada pelo autor de “No moinho” (2004) no papel dado a personagem no final da história revelando os tipos das pessoas e das classes sociais abastardas de Portugal.

Maria da Piedade já não era mais a mesma “Adrião tornara-se na, sua imaginação, como um ser de proporções extraordinárias, tudo o que é forte, é belo, e que dá razão a vida.” (QUEIROZ, 2004, p. 48). Sendo assim, vieram-lhe as mudanças e revoltas por não permanecer ao lado do homem pelo qual se apaixonou.

Analisar a personagem Maria da Piedade, sempre destacada na história, direcionada a desenrolar os negócios da família, conclui-se que a liberdade da personagem foi concretizada com a exploração de outros meios, iniciando com Adrião: “— Mas que superioridade prima! Exclamou Adrião maravilhado. — Um anjo que entende de cifras!” (QUEIROZ, 2004, p. 45). Portanto, apesar de Maria da Piedade apresentar características que condizem com a ideologia da época, sobre a educação e deveres a serem cumpridos, também dizemos ser ela, reflexo da insatisfação vivida entre as famílias de classes sociais burguesas. Especificamente, na relação marido e esposa. Desse modo, bastaria uma situação sugestiva para que

ela frequentasse outros locais além do de rotina. Isso, só seria possível com a chegada do primo de seu marido.

## **2.2 Maria da Piedade: as mudanças da protagonista de “No Moinho**

Ao longo do conto a personagem é sempre descrita, nesse primeiro aspecto, como boa esposa, uma ‘santa’, como na concepção do personagem velho Nunes, diretor do correio, que vê na sua personalidade a necessidade de atribuir um pensamento relativo à moral da sociedade, especialmente das esposas que dedicavam seu tempo unicamente ao lar.

Para o velho Nunes Dona Maria precisava dedicar-se mais à religião, mas, Maria da Piedade diz não perder o seu tempo, pois “a sua casa ocupava-a muito para se deixar invadir pelas preocupações do céu” (QUEIROZ, 2004, p. 43). A participação nas missas aos domingos, certamente faz-se necessário por pura prevenção dos comentários alheios a ela. Conforme Hahner, “As questões de honra feminina e familiar continuavam, pois, estritamente vinculadas às hierarquias sociais” (HAHNER, 2003, p. 40). A sociedade obrigando o status moralista tentava manter postura exemplar nas senhoras enquanto casadas. As quais, não cumprindo com os princípios matrimoniais, despertam o interesse de julgar das pessoas em relação a vida entre marido e mulher.

Entretanto, na sua calma e dependência de uma vida aparentemente tranquila, Maria da Piedade vê-se preocupada com a possível chegada do primo à Vila que, a princípio se instalaria na casa de João Coutinho por ser seu parente. Preocupada como seria o clima a partir da chegada de Adrião, a senhora da casa começa a sentir sensações novas que logo a colocariam ou desvendariam um novo temperamento nas suas atitudes.

De tal modo, a mudança no comportamento da personagem, contribui para que ela desprenda-se do que fazia em casa e passe a viver outros momentos e conheça novos espaços, estes diferentes e com outros ares. As modificações decorrem, principalmente, por meio da influência de Adrião. Agora acrescenta-se no mais, a atenção e companhia ao visitante, já que o esposo, João Coutinho, na sua enfermidade, não teria condições de acompanhá-lo aonde quer que fosse. Maria da

Piedade de qualquer forma estaria preocupada com a presença do romancista e as consequências que este a traria.

Para o primeiro momento em que Maria da Piedade está inserida, direcionamos o viver e a situação melancólica de uma autonomia visivelmente reprimida com os pais. A casa em que ela vivia com a família e com o marido no seu ar de tristeza, sempre fechada, revigora ainda mais o tom de solidão e de mesmice retratada na primeira parte da narrativa. A única distração “era à tarde sentar-se à janela com a sua costura, e a pequenada em roda, aninhada no chão, brincando tristemente.” (QUEIROZ, 2004, p. 43). A mãe apesar de tudo, neste aspecto, sempre se esforçava para cuidar bem da casa e tratar do marido e dos filhos.

Com a chegada de Adrião, Vemos que os sentimentos e atitudes da personagem começam a mudar de rumo. “Pela primeira vez na sua existência, Maria da Piedade corou com a palavra dum homem. De resto prontificou-se logo a ser a procuradora do primo...” (QUEIROZ, 2004, p. 45). As palavras de Adrião foram influentes e impactantes para dar voz ao sentimento amoroso da protagonista que se dispôs a acompanhá-lo à fazenda no dia seguinte à sua chegada.

Com isso, o autor aqui estudado, denuncia as fraquezas humanas da época, especificamente do feminino para com o matrimônio. Em “No Moinho” (2004), Maria da Piedade representa de início um perfil de mulher que a sociedade exige: sujeitada somente a cuidar do lar. Em que, na verdade diz-se de natureza inquieta, pois era vítima das circunstâncias reais as quais revelam posteriormente o interesse da personagem por outro homem.

Há em outras obras de Eça de Queiroz, na literatura portuguesa, o estudo sobre a mulher oitocentista,— a exemplo de Luísa em *O Primo Basílio* (1997); a Rapariga Loura, em *Singularidades de uma Rapariga Loura* (2004) e Amélia em *O Crime do Padre Amaro* (1998) – que seria vinculada ao desrespeito pelo fato de infligirem à ordem social vigente. Tais personagens citadas retratavam, na literatura, as mulheres do século XIX, na sua condição social, sob o olhar de Eça de Queiroz. De igual modo, Maria da Piedade em “No Moinho” (2004), seria mostrada com outros pensamentos para os leitores:

Na fazenda a longa conversa com o Teles criou uma aproximação maior entre Adrião e Maria da Piedade. Aquela venda que ela discutia com uma astúcia de aldeã punha entre eles como que um interesse comum. *Ela falou-lhe já com menos reserva* quando voltaram. Havia nas maneiras dele, dum respeito tocante, *uma atração que a seu pesar a levava a revelar-se*, a



dar-lhe a sua confiança: nunca falara tanto a ninguém, a ninguém jamais deixar ver tanto da melancolia oculta que errava constantemente na sua alma. (QUEIROZ, 2004, p. 46, grifo nosso).

Neste ponto, temos o interesse em mostrar o ‘olhar para si’, de Maria da Piedade, que se deixa revelar pelas palavras do primo, ao dizer ‘ela falou-lhe já com menos reserva’; ‘uma atração que a seu pesar leva a revelar-se’ (QUEIROZ, p.46), verificamos que a sociedade não opina, pois a personagem faz uma espécie de desabafo, de revelação dos sentimentos sentindo-se segura com a presença de um homem:

De resto as suas queixas eram sobre a mesma dor — a tristeza do seu interior, as doenças, tantos cuidados graves... E vinham-lhe por ele uma simpatia, como um indefinido desejo de o ter sempre presente, desde que ele se tornava assim tão depositário das suas tristezas. (QUEIROZ, 2004, p. 46).

O trecho supracitado, nos leva a enfatizar que tornar-se ‘depositário das suas tristezas’ ao mesmo tempo estava Maria da Piedade passando por modificações no comportamento, de modo que este momento funciona como o primeiro passo para exprimir suas especificidades, ou seja, proporciona o afeto com relação ao outro, deixa-se seduzir pela atenção que Adrião a concede. Vista dessa forma, entendemos que a personagem se modifica ao longo da narrativa conforme a sua inserção no momento de cada ação:

Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinhas do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis a seus movimentos. (BRAIT, 1985, p. 53).

Percebendo que para a construção da personagem é necessário o jogo da linguagem, como diz Brait (1985), afirmamos que elas, no decorrer das ações e dos espaços vividos, sofrem influência do meio. Depois de muito tempo reclusa ao lar, Maria da Piedade diversifica seu modo de vida por meio de longos passeios, exemplo do que marca o início de uma ilusão amorosa: “O passeio ao moinho foi encantador. Era um recanto de natureza, digno de Corot.” (QUEIROZ, 2004, p. 46). A relação de Maria da Piedade e o primo de seu marido intensifica-se ainda mais. As saídas da personagem com este tornam-se frequentes a fim de apreciar os lugares belos da vila:

Sobretudo a hora do meio dia em que eles lá foram, com a frescura da verdura, a sombra recolhida das grandes árvores, e toda a sorte de murmúrios de água corrente, fugindo, reluzindo entre os musgos e as pedras, levando e espalhando no ar frio da folhagem, da relva, por onde corriam cantando. O moinho era dum alto pitoresco, com a sua velha edificação de pedra secular, a sua roda enorme, quase podre, coberta de ervas, imóvel sobre a gelada limpidez da água escura. Adrião achou-o digno duma cena de romance, ou melhor, da morada duma fada. (QUEIROZ, 2004, p. 46).

A aproximação do primo, mesmo que não tão duradoura, fez com que Maria da Piedade, aliada aos seus sentimentos, atribísse a ausência de um ser amado a ausência em si de desejos e interesses próprios. “O amor que ela sentira era impulsionado pela seriedade, aquele ar honesto e são, aquela robustez de vida” (QUEIROZ, 2004, p. 48). Isso parecia-lhe muito atraente, comparado à rotina do lar. Os detalhes com que o narrador a descreve na voz de Adrião, ‘tão branca’, ‘tão loura’, ‘duma linha tão pura’ nos leva a perceber a admiração do rapaz para com a protagonista e a intenção daquele em relação a esta ao insinuar permanecer na vila para sempre. O autor, na voz do narrador com suas articulações linguísticas, faz-nos acreditar, a princípio, na pureza da personagem protagonista.

Ao tomar conhecimento da intenção do personagem escritor, Maria da Piedade reage, sugerindo surpresa, diante de si: “Ficar aqui? Para quê?—perguntou ela sorrindo.” (QUEIROZ, 2004, p. 47). Focada na ideia de Adrião, vislumbra outro mundo além da sua casa, “animada pelo seu próprio riso, pela alegria daquele homem ao seu lado.”(QUEIROZ, 2004, p. 47).

No moinho, após o contato físico com o romancista a ação do primeiro beijo, sugere, possivelmente, o futuro abandono de Maria da Piedade com relação ao seu esposo João Coutinho e aos filhos, que até então não sabiam de nada e provavelmente não tomariam conhecimento do fato ocorrido no moinho. Após o beijo, “ela ergueu-se, apanhou o guarda solinho e ficou diante dele, com o beicinho a tremer”. (QUEIROZ, 2004, p. 47). Surge, portanto, um ar de arrependimento que Vieira (2008) chamaria pelo fato de “ter se tornado vítima das circunstâncias externas, das suas próprias fraquezas, que o impediram de se tornar heroína” (p.425), no caso da personagem. A iniciativa de beijar partiu do primo em função de uma mulher casada e de família, que, logo se arrependeu:

Seria absurdo ficar ali, naquele canto odioso da província, desmoralizando, a frio, uma boa mãe... [...] Por isso, no dia seguinte, apareceu de tarde, a dizer-lhe adeus: partia à noitinha na diligência: encontrou-a na sala, à janela costumada, com a pequenada doente aninhada contra as suas saias... Ouvia que ele partia sem lhe mudar a cor, sem lhe arfar o peito. Mas Adrião achou-lhe a palma da mão tão fria como um mármore: e quando ele saiu, Maria da Piedade ficou voltada para a janela, escondendo a face os pequenos, olhando abstratamente a paisagem que escurecia, com as lágrimas, quatro a quatro, caindo-lhe na costura... (QUEIROZ, 2004, p. 48).

A decisão de Adrião em partir deixou Maria da Piedade receosa na sua existência de apaixonada, pois “amava-o. Desde os primeiros dias, a sua figura resoluta e forte, os seus olhos luzidios, toda a virilidade da sua pessoa, se lhe tinham apossado da imaginação.” (QUEIROZ, 2004, p. 48). Vive a personagem, agora, momentos de devaneios relacionados ao primo, em uma solidão amorosa intensa. A sua sensibilidade procura, então, refúgio nos livros escritos pelo romancista com o propósito de superar uma dor causada por um amor não realizado. São as leituras românticas que fazem aquela mulher aproximar-se, de certo modo, do homem que a deixou somente a mercê do sofrer por amor:

Leu todos os livros, sobretudo aquela *Madalena* que também amara e morrera dum abandono. Estas leituras acalmavam-na, davam-lhe como uma vaga satisfação ao desejo. Chorando as dores das heroínas de romance, parecia sentir alívio às suas. (QUEIROZ, 2004, p. 48).

Distanciava-se, com isso, as suas obrigações diárias a fim de alimentar uma ilusão deixada por um homem que se assemelha a um ‘herói romântico’. Maria da Piedade sente-se realizada, em parte, com as leituras feitas das obra de literatura romântica de Adrião. “Tornou-se impaciente e áspera. Não suportava ser arrancada aos episódios sentimentais do seu livro, para ir ajudar a voltar o marido e sentir-lhe o hálito mau.” (QUEIROZ, 2004, p. 49). Maria da Piedade não possui mais o caráter de ‘senhora modelo’.

A relação matrimonial, tida como princípio de desmoralização ou ridicularização entre as famílias do período, representada pela relação de Maria da Piedade com João Coutinho, no conto, enfatiza a teoria de Vieira (2008) sobre as ações da protagonista, quer positivas quer negativas, deixando para que o leitor reflita acerca das fases e das mudanças no comportamento de Maria da Piedade em “No moinho” (2004).

As senhoras ocupadas somente com os deveres relacionados ao lar, escandalizam uma imaginação além dos deveres rotineiros. Sendo o casamento

uma associação de trabalho, surge a necessidade de um afago por amor da esposa, porém, a angústia é tamanha que esse carinho esperado pode ser realizado com outro homem, que não o marido: “[...] os adultérios, por exemplo, a não ser as exceções de temperamento, são quase todos originados na necessidade e na pobreza.” (SIMÕES, 2005, p. 66).

Maria da Piedade não passa de uma mulher puramente apaixonada por Adrião. Vive idealizando uma imagem que invadiu seus pensamentos fazendo-a desprender-se dos entes familiares a fim de suprir um vazio deixado por àquele homem. Com a partida do primo, existe um incentivo a mais para querer amar e ser amada conforme as ilustrações nos romances que lia:

Passava horas só, num mutismo, à janela, tendo sob o seu olhar de virgem loura toda a rebelião de uma apaixonada. Acreditava nos amantes que escalavam os balcões, entre o canto dos rouxinóis: e queria ser amada assim, possuída num mistério de noite romântica... (QUEIROZ, 2004, p. 49).

O contato com ‘aquele homem’, saudável, de boa aparência fez com que a personagem se deixasse levar mais pelos próprios anseios do que pelas preocupações diárias que lhe tomavam o tempo à princípio. O romantismo, nesta parte da narrativa, torna-se visível à medida que a protagonista estaria sensível a qualquer ato e ação que lhes dirigissem. “E o romantismo mórbido tinha penetrado tanto naquele ser, e desmoralizara-o tão profundamente, que chegou ao momento em que bastaria que um homem lhe tocasse para entregar-se ao desejo e a sedução, tornando-se assim uma mulher profana.” (QUEIROZ, 2004, p. 49). Desse modo, volta a ser avaliada pela sociedade, agora não mais como esposa modelo, mas como símbolo de mulher insolente e renegada às normas ditadas pelas instituições que mantinham relação direta com o povo Luso.

O charme de Adrião sobre Maria da Piedade remete ao que Eça de Queiroz quer retratar em “No moinho” (2004) sobre a decadência moral da classe feminina abastada de Portugal, que mantinha um espírito pendente quanto à educação que lhes era passada. A busca incessante pela procura da satisfação de um desejo, rompido pelo convencionalismo desencadeou no escândalo de Maria da Piedade com o praticante da botica a quem namorou, após a ida do primo de seu esposo, assumindo seus gostos e quebrando um verdadeiro padrão mantido pelas aparências. “Por causa dele escandalizou toda a vila.” (QUEIROZ, 2004, p. 49).

Seria impossível voltar às obrigações com os filhos e com o marido, esses vivem abandonados, sujos e sem cuidados:

E agora, deixa a casa numa desordem, os filhos sujos e ramelosos, em farrapos, sem comer até altas horas, o marido a gemer na sua alcova, toda a trapagem dos emplastos por cima das cadeiras, tudo num desamparo torpe – para andar atrás do homem, um maganão odioso e sebento, de cara balofa e gordalhufa. (QUEIROZ, 2004, p. 49).

Assim, é certo que Maria da Piedade transgrediu da postura de mulher anjo, de santa para a de não aceita pela sociedade tendendo a valorizar no conto julgamentos para com a esposa que trai, e reforçando a ideia de que sem espaço para a livre realização das vontades libidinosas, a personagem estaria sujeita até ao adultério, na maioria das vezes. Com tudo isso, inclusive a displicência para a família de Maria da Piedade e sua traição para com o marido, vemos que os possíveis comentários em relação a estas atitudes são consequências de tais fatores ocorridos, na época, perante o senso comum que pregava e impunha ética e ordem:

Também os códigos éticos legitimariam, aprioristicamente, a condenação de várias personagens adúlteras, pelo o facto de o seu comportamento constituir a quebra de uma norma ética positiva-a fidelidade-, mas essa construção axiológica surge problematizada em muitos romances oitocentistas, graças a evicção do julgamento narratorial destas personagens. (VIEIRA, 2008, p. 449).

Se atentarmos para o fato de que Eça de Queiroz usou da ironia na construção da personagem, chegamos à conclusão de que o narrador usa do sentido positivo, inicialmente, ao dirigir-se a personagem como ‘senhora modelo’ e finaliza com a distorção da personalidade dela ao dizer “que vive andando atrás de um homem sebento.” (QUEIROZ, 2004, p. 49) Vendo neste, certamente, uma forma de saciar seus anseios por Adrião que era sua paixão. Ela mudou sua personalidade concretizando no adultério seus desejos afetivos e constituiu a quebra da ética e moral, como afirma o trecho destacado.

Desse modo, cabe aqui frisarmos a possibilidade de Maria da Piedade amar de verdade Adrião ou enxergar, no contato com ele, a precisão de fugir da vida que leva com sua família. No entanto, se a protagonista amava outro homem, qual a possibilidade do escândalo com o praticante da botica?

O amor que Maria da Piedade talvez sentisse pelo o primo que partiu tenha sido um aspecto importante para a senhora que antes passava uma boa imagem para o povo, fugisse da rotina ou da mesmice inerente a sua rotina, traindo, com isso o seu marido, em geral sua família e as normas sociais de um povo educado por “verdades absolutas”. Vítima das circunstâncias, Maria da Piedade vive em completa harmonia com os seus desejos desde a ida de Adrião da Vila. Além de tudo, a doutrina educacional religiosa que na sua essência não condiz com a realidade, contribuiu bastante para abnegação da senhora de classe abastada, representada no papel da protagonista em “No moinho” (2004), quanto aos princípios sócio culturais do século XIX, em relação às condições femininas representadas na literatura portuguesa de Eça de Queiroz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos neste trabalho, um estudo a respeito da personagem protagonista do conto “No moinho” (2004), de Eça de Queiroz, com o propósito de mostrar ou enfatizar as condições das mulheres do século XIX. Período do Realismo vigente que traz junto a si escritores com olhos voltados para uma sociedade que se dizia deflagrada moralmente.

No século XIX, as classes sociais abastadas de Portugal têm voltadas para si olhos críticos e contrários ao modelo de educação que a mulher era submetida. À mulher dessa época era imposto um valor para que ela não ultrapassasse a porta de casa, sem o consentimento do pai ou marido, quando casada, sob pena de difamação e desprezo por parte da sociedade. Entretanto, vemos que o escritor português neste caso, desconstruiu esse ideal de sociedade, quando, na verdade, mostra que as regras direcionadas as atitudes da mulher não funcionaram a ponto de fazer com que ela não descumprisse com o seu papel de boa esposa, enquanto casada.

Maria da Piedade, como personagem feminina no conto, define o papel de uma senhora modelo, preocupada com os afazeres de casa e a cuidar da família, inicialmente. Porém, ao final do relato quando se envolve sentimentalmente com o primo de seu marido e revelando como tal, com o praticante da botica. Isto que Eça de Queiroz vem criticar por meio do conto e do comportamento de Maria da Piedade, ou seja, a hipocrisia social e o fato de as classes abastadas viverem puramente de aparência, visto ser a mulher vítima das circunstâncias e dos valores sociais. Através da análise, verificamos que Maria da Piedade, como uma das representantes das mulheres da estética realista na Literatura Portuguesa, passa do estágio de boa esposa e de boa mãe para o de mulher que trai. Portanto, alcançamos o nosso objetivo inicial de analisar a trajetória da personagem protagonista no conto.

Consoante isto, podemos afirmar que Eça de Queiroz constrói a personagem feminina com o propósito de relatar os fatos de ordem social ocorridos entre as famílias burguesas. A mesmice pela qual vivia as mulheres lusas do século XIX propicia ao escritor uma história que, conseqüentemente, será referendada no conto “No Moinho” (2004), logo, conhecida historicamente. Isso nos leva a considerar que

a atitude da personagem feminina nos variados espaços em que se apresenta, desde a casa de sua mãe quando em solteira, aos encontros com o praticante da botica, serviu de alguma forma para informar o lado negativo de parte da sociedade, conforme a ideologia subjacente e para o restante da população lusa da época. Serve, ainda, para a sociedade atual, significando a Literatura como ponte para descobertas e associações por meio de estudos e pesquisas.



## REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. A personagem. In.: \_\_\_\_\_. *Teoria da Literatura*. Coimbra: EDIÇÕES ALMEDINA, AS. 2006. p. 687-711.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.); Carla bassanezi (coord. de textos) *História das Mulheres no Brasil*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 223-240.
- ARRUDA, Érica Carvalho. *A silenciosa encenação de saias e batinas: a propósito de O Crime do Padre Amaro de Eça de Queirós*. Dissertação de mestrado apresentada à coordenação dos cursos de Pós- Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, 2007, 127 fls. Disponível em: <WWW.lettras. UFRJ. BR/ porverna/ mestrado/Arruda EC.pdf.>. Acesso em 18 de mar. de 2014.
- BRAIT, Beth. A personagem. 3ª. Ed. São Paulo: Ática, 1985.
- DANTAS, Francisco J. C. . *A mulher no romance de Eça de Queirós*. São Cristóvão, SE: Editora UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O minidicionário da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos as mulheres no Brasil,1850-1840*. Tradução de Eliane Lisboa. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- MINÉ, Elza et. al (org.). *Encontro nacional de Queirosianos*. São Paulo: centro de estudos portugueses, 1995.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- QUEIROZ, Eça de. *O Primo Basílio*. São Paulo: Klick, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O crime do Padre Amaro*. 12. ed. São Paulo: Ática,1998.
- \_\_\_\_\_. No Moinho. In: *Civilização e outros contos*. 2. ed.. São Paulo: Moderna, 2004.
- \_\_\_\_\_. Singularidades de uma rapariga Loura. In: *Civilização e outros contos*. 2. ed.. São Paulo: Moderna, 2004.
- SIMÕES, João Gaspar. *Eça de Queirós: por João Gaspar Simões,1845-1900*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- VIEIRA, Cristina Maria da Costa. *A construção da personagem romanesca: processos definidores*. Lisboa: Colibri, 2008.

---